



São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012

CIBERCULTURA E AS NOVAS IDENTIDADES DE ESTUDANTES RURAI DO SERTÃO BAHIANO

Robério Pereira Barretoⁱ

Resumo: este trabalho apresenta de maneira resumida observações de pesquisa realizada na comunidade rural de Irecê - BA, Itapicuru, sobre o processo de inserção à cibercultura feita por jovens e adolescentes da comunidade. Estes foram selecionados tendo como referência, sexo e idade a qual está entre 10 e 20 anos, bem como o domínio de computador e da internet como ferramentas tecnológicas. Além de serem estudantes do ensino básico e médio. Ouviu-se de maneira aleatória alguns pais desses estudantes, todavia os sujeitos centrais eram adolescentes e jovens. Com efeito, tomou-se como referência teórico-metodológica a teoria da política, destacando assim o pensamento de Hannah Arendt, fazendo interlocuções com a sociologia de Manuel Castells e o conceito de identidade apresentado por Bauman e Hall no sentido de situar o objeto e temática pesquisada.

Palavras-chave: Cibercultura, Identidade, Itapicuru, Internet.

Resumen: este trabajo presenta comentarios brevemente la encuesta realizada en la comunidad rural de Irecê-BA, Itapecuru, sobre el proceso de insertar la cibercultura realizado por jóvenes y adolescentes en la comunidad. Estos fueron seleccionados con referencia al sexo y la edad que oscila entre 10 y 20 años, así como el dominio de la computadora y el internet como herramientas tecnológicas. Además de primaria y estudiantes de secundaria. Oído al azar algunos padres de los estudiantes, sin embargo los temas centrales fueron adolescentes y jóvenes. De hecho, como una referencia teórica metodológica a la teoría política, por lo que el pensamiento de Hannah Arendt, haciendo interlocuciones con la sociología de Manuel Castells y el concepto de identidad realizados por Bauman y Hall para situar el objeto y búsqueda temática.

Palabras clave: Cibercultura, identidad, Internet, Itapecuru

Introdução

Este estudo apresenta análises qualitativas e quantitativas da participação na cibercultura por adolescentes e jovens de uma das maiores comunidades rurais de Irecê – BA, Itapicuru. Este estudo pressupõe indicativos à elaboração de políticas públicas de inclusão sociodigital no sertão bahiano que possam atender a população das comunidades rurais.

Foram realizadas observações empíricas e durante a diligência, verificou-se que a inclusão sociodigital no interior e nas regiões de populações mais carentes, através de acesso as plataformas de comunicação via internet ainda são precárias. Os laboratórios de informática existentes nas unidades escolares não atendem as necessidades de todos, por que só funcionam em horário escolar.

Para a realização deste estudo, conforme mencionada acima foi selecionada uma das maiores comunidades rurais de Irecê, Itapicuru. Esta tem aproximadamente 2000 habitantes, conforme censo de 2006, – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – e a organização econômica esta baseada na agricultura familiar de subsistência. No campo da política, a população tem um representante no legislativo municipal.

No que se refere aos sujeitos envolvidos na pesquisa foram selecionados 6 adolescentes*, sendo estes divididos em duas partes de ambos os sexos – 3 masculinos e femininos – com idade entre 10 e 20 anos e que tinham o domínio de computador e da internet como ferramentas tecnológica e comunicacional. Além de serem estudantes dos ensinos básicos e médios. Ouviu-se de maneira aleatória alguns adultos parentes desses estudantes, todavia os sujeitos centrais eram os adolescentes e jovens.

Esta opção foi eleita, em parte, pelo fato de se trata de sujeitos que além do interesse pelo assunto tinham anseio em mostrar que estava participando do ciberespaço e, com isso, acreditavam ter novas identidades sendo construídas a partir de suas inserções no mundo digital.

Desta forma, foi necessário passar por um processo de “adaptação” à realidade dos pesquisados. Em determinados momentos eles queriam mostrar suas adequações às identidades sugeridas pelas experiências vividas no cotidiano de sua comunidade, bem como aquelas solicitadas pelo mundo digital.

Assim sendo, a coleta de material foi realizada a partir de entrevistas, sendo estas caracterizadas como conversas informais, isto é, não foi feito roteiro nem questões previamente estabelecidas. A escolha desse instrumento foi devido à vivência no ambiente pesquisado ser bastante informal, com isso se buscou maior intimidade com os pesquisados, e conseqüentemente, amplos aprofundamentos ocorreram; fato importante para se compreender informações relevantes. Isso só foi possível em virtude do contato ocorrer em “tempo real” e face a face durante visitas.

Diante desse quadro, o procedimento adotado foram visitas flagránciais durante as quais os adolescentes e jovens eram abordados em ambientes informais. Os locais das primeiras entrevistas foram escolhidos pelos próprios sujeitos, de maneira que eles ficaram a vontade por estar em uma “sinuca”, fato que possibilitou maior interação entre eles e o pesquisador.

* A autoria dos depoimentos destes pesquisados foram registrados por meio de nomes fictícios sugeridos por eles próprios. De maneira que suas vontades foram respeitadas, inclusive, manteve-se a grafia por eles apresentadas.

Num segundo momento, fez-se de maneira aleatório questionamentos a alguns pais dos jovens e adolescentes que participavam da conversa. Estes, por sua vez, apresentaram ignorância sobre a questão, mas disseram investir, porque acreditam que seus filhos cada vez mais iam se familiar com o “esse tal mundo da internet”, e que achavam que eles usando essas tecnologias poderiam aprender mais do que a escola oferecia. Portanto, não se importavam de pagar financiamentos de computador ou acesso a *lan house* para eles terem ingresso à internet. Nessa perspectiva os dados solicitaram análises qualitativas e quantitativas do material coletado, considerando que essas abordagens possibilitariam melhor compreensão dos dados.

Passa-se ao diálogo com as referências teóricas e metodológicas visando à compreensão do objeto e da temática da pesquisa. Para tanto, serão expostas inferências a partir das concepções de política e identidade, em seguida, se chegará ao entendimento de que a cibercultura no sertão é uma realidade e com ela as novas identidades são construídas pelos adolescentes e jovens que vivem no Território de Irecê – BA.

Diante dessas proposições, se propõe nesse trabalho conhecer e apresentar as relações que os jovens e adolescentes do povoado de Itapicuru estabelecem entre o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs e o modo de construir e socializar suas identidades digitais no ciberespaço.

2. Discutindo Ruralidade

Para aqueles que vivem nas grandes cidades e centros urbanos, a vivência no sertão é relacionada a ideais românticos de isolamento. Imagens do fogão a lenha com brasas crepitantes e vida como rio sereno que corre tranquilamente povoam os imaginários. Entretanto, isso reafirma a ideia de quanto não se conhece a população rural, bem como as mudanças que ela tem sofrido ao longo das últimas décadas com o chamado progresso tecnológico, que tomou conta das comunidades rurais, levando os moradores a acompanharem tal desenvolvimento, mesmo que isso lhe tenha custado altos preços.

Reconhece-se assim que o Brasil é essencialmente rural. Estatísticas apontam que aproximadamente 30% da população brasileira estão vivendo no campo¹. Esses significativos mais de 50 milhões de brasileiros têm experimentado uma série de mudanças, sobretudo no

¹ Sabe-se que o critério que define áreas rurais e urbanas é um decreto de 1938, assinado por Getúlio Vargas e que determina que toda sede de município seja considerada cidade. Assim, os 1.176 municípios com menos de 2000 habitantes ou os 3.887 com menos de 10 mil existentes no ano de 2000 possuíam “ estatuto legal de cidade idêntico ao que é atribuído aos inconfundíveis núcleos que formam as regiões metropolitanas, ou que constituem evidentes centros urbanos regionais” (VEIGA, 2003, p. 32 *apud* LOMONACO, 2008, p. 39).

que diz respeito à identidade, visto que o adjetivo de *população rural* está vinculado a questões socioeconômicas e culturais, junto com elas, impreterivelmente estão as TICs.

Em geral são comunidades que possuem vínculos bastante orgânicos entre família e escola; há poucos recursos profissionais, técnicos, culturais e econômicos disponíveis; há códigos específicos de convivência comunitária; os ritos e tradições estão ainda presentes no cotidiano, e o modo de vida, assim como os padrões de comportamento, têm suas especificidades (LOMANACO, 2008, p. 40).

Nesse contexto, é importante dizer que a comunidade pesquisada e os sujeitos nela residentes garantem a manutenção de seus costumes. Levando-os à socialização via internet. A ruralidade apresenta-se como identidade coletiva que sempre permanece como pano de fundo. “[...] a população rural não é somente constituída pelos grupos diretamente ligados à produção agropecuária (sejam proprietários, sejam assalariados), mas também por aqueles que pertencem a esse universo cultural” (LOMANACO, 2008, p. 40).

Isso promove têm segundo observa Bauman (2005) à movimentação entre nossos referenciais, de maneira que “[...] nossas identidades *em movimento* – lutando por nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo.” (BAUMAN, 2005, p. 32).

As identidades rurais consideradas por muitos como menores devido ao atraso social e político por que passam o campo brasileiro, hoje, são colocadas à margem porque a internet por meio de cibercultura tem potencializado a criação de comunidades virtuais que levam ao mundo inteiro questões particulares da cultura local e regional, visando assim, o reconhecimento.

Nesse sentido, pode-se pensar que o rural e o urbano, local e global do ponto de vista do cibercultura são instâncias justapostas, uma vez que no ciberespaço não há fronteiras. Isso faz com as identidades dos indivíduos sejam partilhadas em tempo real via internet. Na maioria das vezes, estes indivíduos omitem ou criam perfis irreais, podendo ser do campo e dizer que é da cidade e o contrário também é verdadeiro.

Assim sendo, atribui-se à internet a capacidade de promover o rompimento de elementos que até então eram fixos somente nas grandes cidades onde havia a internet, agora é diferente, especialmente no sertão brasileiro onde a participação na cibercultura permite a construção de novas identidades. Isso possibilitou aos adolescentes e jovens que moram nas comunidades mais afastadas a realizar travessias antes inimaginadas.

As tecnologias da informação e comunicação – TICs trazem para essas comunidades a representação simbólica da participação e da relação direta com o “mundo da vida”, porque os

sujeitos sentem-se movimentando entre o local e global e ao mesmo tempo tem a sensação de pertencer aos dois mundos.

3. Identidade(s) rurais e suas travessias rumo ao digital

Por séculos a identidade do indivíduo esteve relacionada à questão de unicidade do sujeito que, organicamente se vincula à ideia de cultura também una. Entretanto, essa identidade está em “crise” porque os sujeitos têm acessado outros espaços e vivenciado processos amplos de mudança. “As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.” (HALL, 2002, p.7).

De acordo com a visão sociológica clássica, pode-se afirmar que a identidade dos adolescentes e jovens do povoado de Itapicuru está se tornando plural, porque está se formando na interação mútua do ciberespaço.

[...] a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. (HALL, 2002, p. 11).

No contexto da pesquisa ficou evidente a disposição para a fragmentação de identidades, mesmo sabendo que haverá nesse processo contradições. Isso acontece porque a emergência do ciberespaço coloca a identidade em mutação constante. Assim sendo, “os sujeitos ao participarem de comunidades virtuais assumem identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.” (HALL, 2002, p 13).

Reconhece-se nas palavras de Hall (2002) que a identidade nesse contexto é assinalada pelo simbolismo que a cibercultura tem oferecido aos participantes. Desse ponto de vista, a “identidade é tanto simbólica quanto social”. As diferenças entre local e global se diluem ao ponto de, na cibercultura as histórias individuais e sociais tornarem-se particularmente iguais quando se referem à permanência no mundo digital, no qual a representação e o simbolismo garantem a estabilidade do sujeito enquanto ser proativo no ciberespaço.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível àquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. (SILVA, 2000, p. 17).

Compreende-se que na contemporaneidade a identidade é marcada pela presença das redes social e comunicacional, e estas se articulam em torno de ações e pensamentos de que as “mudanças sociais são tão drásticas quanto os processos de transformação *da identidade cultural, política acompanha as transformações (grifo meu)* tecnológica e econômica.” (CASTELLS, 1999, p. 40).

Nessa esteira de complexidade da cibercultura estão questionamentos sobre o modo como se constituem as novas identidades e

os movimentos sociais tendem a ser fragmentados, locais, com objetivo único e efêmero, encolhidos em seus mundos interiores ou brilhando por apenas um instante em um símbolo da mídia. Nesse mundo de mudanças confusas e incontroladas, as pessoas tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais, nacionais. (CASTELLS, 1999, p. 41).

Na realidade tem havido na rede mundial – internet – um discurso cuja esquizofrenia abarca fundamentalismos sobre a identidade dos indivíduos, a tal ponto de haver ocorrências de violência em nome de pensamentos e de ideologias mantenedoras de estruturas antigas. Dizendo de outra forma, a crise de estrutura pela qual passa a sociedade contemporânea é resultado da busca pela reificação das identidades individuais e coletivas potencializadas pela cibercultura.

Assim sendo, Castells (1999) considera que a identidade que até então era tida como a única forma de significação para os indivíduos. Agora, a cibercultura a leva à deslegitimação dessa perspectiva, visto que “as pessoas organizam seu significado não em torno do que fazem, mas com base no que elas são ou acreditam que são.” (CASTELLS, 1999, p. 41). Em verdade, isso ocorre porque a maioria dos sujeitos conectados à web busca sua permanência na cibercomunidade através da mutação de sua identidade.

Pode-se, com isso, inferir que a sociedade contemporânea problematiza-se à medida que entra no jogo perigoso da deslegitimação e ambivalência do ser enquanto uno, contrariando dessa maneira as possibilidades oferecidas pela rede. Hoje, a sociedade se estrutura na perspectiva da manutenção da rede como espaço de aproximação e legitimação da presença daqueles até então alijados do processo comunicacional.

um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como os personalizando ao gosto das identidades e humores dos indivíduos. As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando

novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela. (CASTELLS, 1999, p. 40-1).

Num olhar mais amplo e crítico, poder-se-ia considerar a fragmentação como questão central das identidades, porque cada vez mais são agrupadas nas cibercomunidades identidades heterogêneas.

Assim, os processos de equidade econômica, política e cultural abriram lacunas nos relacionamentos entre as culturas, fazendo com que a maioria dos discursos sobre a manutenção da estrutura fosse redefinida.

Nessa condição de esquizofrenia estrutural entre a função e o significado, os padrões de comunicação social ficam sob tensão crescente. E quando a comunicação se rompe, quanto já não existe comunicação nem mesmo de forma conflituosa (como seria o caso de lutas sociais ou oposição política, surge uma alienação entre os grupos sociais e indivíduos que passam a considerar o outro um estranho, finalmente uma ameaça. (CASTELLS, 1999, p. 41)

Na sociedade contemporânea ampliaram-se os abismos e o desenvolvimento, e progresso continua a desestimular a participação efetiva de todos nos processos criativos e produtivos da sociedade. Em realidade, isso leva à segmentação das estruturas clássicas de identidades, uma vez que a dinâmica da comunicação na rede tende a levar à unificação e uso de uma língua(gem) comum universalizante que, seguindo aos padrões do neoliberalismo globalizante deslegitimam as mudanças sociais advindas das ações pontuais da economia tecnológica instituída pela realidade. “As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela.” (CASTELLS, 1999, p. 40).

As transformações tecnológicas realizadas no âmbito da sociedade tecnológica e economicamente ativa têm revelado a capacidade humana em interagir de acordo com as necessidades de se avançar em busca de instrumentos que faça dela uma sociedade ativa.

Para Castells (1999) isso acontece porque a criatividade humana interveio sempre nos processos de descobertas científicas, inovação tecnológica e aplicações sociais, de forma que o resultado final sempre depende de significativas ações interativas realizadas pelos indivíduos, para que a sociedade possa se constituir como tal. Mas, para isso acontecer é fundamental que haja interação com a economia global e a geopolítica mundial, as quais concretizam um novo estilo de produção, comunicação, gerenciamento e vida.

Dessa maneira,

a (...) ênfase nos dispositivos personalizados, na interatividade, na formação de redes levou inconscientemente à revolução da tecnologia da informação que, difundiu-se pelo mundo da cultura, da política, da economia e, subversivamente chegou à educação, de maneira significativa constituiu-se rapidamente em um novo espírito de integração. (CASTELLS, 1999, p. 43).

Nesse contexto, faz-se necessário mencionar o porquê de a internet ter se tornado um grande instrumento que devido suas possibilidades foi além do controle institucional. A internet configurando-se numa rede cuja arquitetura permitiu se construir perfis e está em qualquer lugar sem nenhum controle externo.

Assim sendo, importa ainda compreender que as redes sociais estabelecidas no âmbito da internet são de certa maneira controladas pelo interesse do Estado, o qual por sua vez, determina o lugar e época em que os cidadãos podem e devem se organizar em comunidades.

O que deve ser guardado para o entendimento da relação entre a tecnologia e a sociedade é que o papel do Estado, seja interrompendo, seja promovendo, seja liderando a inovação tecnológica, é um fator decisivo no processo geral, à medida que expressa e organiza as forças sociais dominantes em um espaço e uma época determinados. (CASTELLS, 1999, p. 49).

As redes sociais absorvem o ser socialmente construído e, assim, realiza a função de, às vezes, manter o *status quo* de determinada comunidade. Por outro lado, são criadas instâncias discursivas nas quais os indivíduos contrapõem as demais através de palavras de ordem.

Esse estado de coisas é mantido historicamente e o desenvolvimento dessas tecnologias tornou-se difuso, levando à deslegitimação de estruturas até então vigentes. Isso ocorre porque tem havido o desenvolvimento de ações pontuais dos indivíduos e grupos que, de forma articulada e em cadeia colocam em xeque o poder do Estado. Este, por sua vez, responde regulamentando as por meio de políticas de Estado. Essa nova estrutura social está associada ao surgimento de um novo modo de desenvolvimento, o informacionismo, historicamente moldado pela reestruturação do modo capitalista de produção, no final do século XX. (CASTELLS, 1999, p. 51).

Numa perspectiva histórica, reconhece-se que a sociedade contemporânea ainda segue a linearidade da sociedade fundada e organizada por estruturas em que ficam prementes as relações de produção. Daí por diante iniciam-se as trocas de experiência e aglutinação de elementos de poder. Reconhecendo-se, assim, a ação humana nos atos produtivos de cada um. Por outro lado, a experiência que ora coloca em xeque as estruturas de poder constitui-se de ações humanas realizadas em grupos e sobre si e seus desejos individuais.

De acordo com Castells (1999) é nessa relação entre os sujeitos que nasce e se institui a figura do poder, tendo na experiência e na produção a base para tal acontecimento. Dessa forma, é que se legitimam as instituições sociais que, de certo modo reafirmam as intenções do poder em se fixar por meio de contratos sociais estabelecidos entre as instâncias individuais e coletivas.

Essa questão se concretiza de maneira sistemática no ciberespaço quando os indivíduos buscam por meio das redes sociais questionarem esse estado de coisas. Em outras palavras, nas cibercomunidades os princípios estruturais de identidade e culturas individuais são aglutinados em espaços específicos, buscando com isso a desarticulação dos instituídos sociais do Estado.

Assim sendo, é possível pensar que

No novo modo informacional de desenvolvimento, a fonte de produtividade acha-se na tecnologia de geração de conhecimentos, de processamento da informação e de comunicação de símbolos. Na verdade, conhecimento e informação são elementos cruciais em todos os modos de desenvolvimento, visto que o processo produtivo sempre se baseia em algum grau de conhecimento e no processamento da informação.

No que diz respeito ao domínio do conhecimento e da informação usados pelos cibernautas para produzirem suas ações entre os membros da cibercomunidades é, sem dúvida, resultado da capacidade criativa e produtiva de cada um, visto que a maioria não possui recursos tecnológicos em suas casas e escolas. Assim, usam os espaços das *lan houses* para articularem a troca de informação e a construção de determinados domínios do conhecimento em rede.

Pondera-se que a tecnológica situada na base meramente do sistema capitalista leva à alienação. Por isso, cumpre dizer que a invenção tecnológica e a transformação pela qual tem passada a sociedade contemporânea é indícios de que os grupos sociais que até então estava aliados do acesso ao mundo informacional devido à fixidez da estrutura dominante, agora atua no entre lugar da flexibilidade e da adaptabilidade resultantes da velocidade com que a informação percorre a rede social e, sobretudo, potencializa a deslegitimação de dogmatismos políticos, sociais, culturais, etc.

4 Exposição e interpretação quanti-quali de dados

Apresentam-se assim a seguir gráficos com interpretações dos dados coletados *in lócus* na comunidade rural de Irecê – BA, Itapicuru. O *corpus* está caracterizado da seguinte forma: foi feita visita ao local e realizada entrevista com moradores – jovens, adolescente e pais – de maneira que se chegou ao cruzamento das seguintes informações: meninos e

meninas da comunidade participam do ciberespaço por meio de um laboratório de informática que tem na escola com acesso à internet. Além disso, há outros que têm computadores em casa, ligados à internet através de *host* privado cujo valor é, segundo os usuários, bem maior do que o valor pago na cidade.

A despeito dessa questão, elegeu-se um coletivo de jovens com faixa etária entre 10 e 20 anos.



Gráfico 1: Uso da internet por faixa etária e sexo observação empírica in lócus

Ver-se no gráfico acima que, quando se trata de acessos à web, ambos os sexos atuam no mesmo patamar.

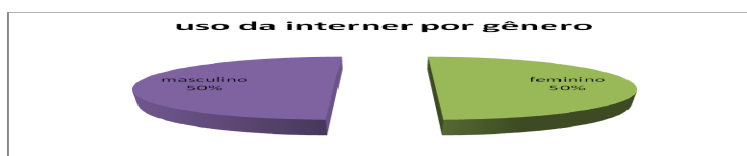


Gráfico 2: gênero e acesso à web

De acordo com as informações oferecidas por meio de entrevistas, foi possível perceber no universo de pesquisados que há uma “igualdade” no número de acessos à web entre os gêneros. Ainda é importante informa que esta acessibilidade foi conferida a partir dos sujeitos pesquisados que participam diretamente do laboratório de informática existente na escola.



Gráfico 3: acesso a partir de computador particular

Em razão do número restrito de residências com computadores, sobretudo, ligados a internet, ficou claro nas falas dos sujeitos masculinos o baixo índice de acesso à rede para atividades de pesquisa, evidenciando que o computador e a internet servem aos mais variados propósitos, principalmente a questões relacionadas as atividades de entretenimento.



Gráfico 3: acesso a partir de computador particular

Nesse mesmo contexto, houve uma reviravolta na questão do uso do computador e da internet para expediente de pesquisa no segmento feminino. A maioria conforme aponta o gráfico, considerou o uso dos recursos tecnológicos como sendo para a pesquisa, indo mais além do conceito de pesquisa. “*todo que se busca em qualquer site, livro, jornal, etc. se está fazendo pesquisa, não é mesmo?!*”. Mary.

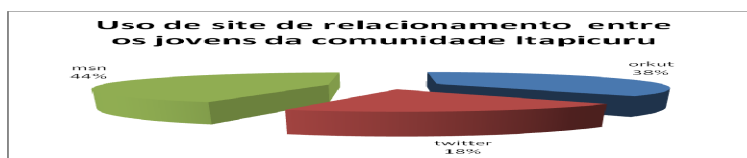


Gráfico 4: redes sociais na comunidade

Conforme os dados acima, os jovens dessa localidade estão se relacionando com o mundo por meio do ciberespaço. Isso demonstra que há possibilidade de se reconhecer o papel da política pública de acesso à web, bem como a tecnologia a serviço do bem estar social.

A gente usa mais o Orkut e Msn porque é [são] mais conhecidos e todos nossos amigos têm. Twitter ainda é pouco, até porque a gente precisa ficar seguindo as pessoas todo dia se não perde a graça. Como às vezes não tem computador pra todo mundo... quando a gente tiver os nossos ai sim. vamu ta na onda do Twitter. (Mano Black)

De certo modo, isso contraria as perversidades da globalização que ao mesmo tempo em que unifica usando do conjunto de técnicas, alija os mais frágeis social e economicamente da sociedade do bem estar.

A tecnologia embora perversa, nesse caso impulsiona à ilusão de se estar inserido no mundo da globalização, a qual leva à presença de novos lugares. Entretanto, o que se tem visto é cada vez mais o distanciamento de haver possibilidade de mudança na ordem estabelecida pela globalização.

Nesse contexto, a população feminina da comunidade tem acessado e usado mais a internet que os meninos. Isso leva ao entendimento de que independentemente do lugar “A população aglomerada em poucos pontos da superfície da Terra constitui uma das bases de reconstrução e de sobrevivência das relações locais, abrindo a possibilidade de utilização, ao serviço dos homens, do sistema técnico atual.” (SANTOS, 2008, p. 21).

Em outras palavras, não há mais fronteiras entre as nações e as empresas, visto que a técnica empregada pelo capital proporciona a cada ator, ações contínuas e reais, embora haja distâncias geográficas.

Isso acontece conforme Santos (2008), por que

O computador é o instrumento de medida e, ao mesmo tempo o controlador do uso do tempo. Essa multiplicação do tempo é, na verdade, potencial, porque de fato, cada ator – pessoa, empresa, instituição, lugar – utiliza diferentemente tais possibilidades e realiza diferentemente a velocidade do mundo. (SANTOS, 2008, p. 34).

Na comunidade rural pesquisada, o computador é tido como um instrumento tecnológico que potencializa a aprendizagem, os relacionamentos dos jovens por meio das redes sociais e, certamente auxilia na construção de saberes além dos ensinados pela escola. Além disso, é premente a ideia de que ter o domínio do computador e, sobretudo, da internet é uma possibilidade de se conseguir um emprego na cidade.

Hoje quem não sabe usar a internet não vai arrumar emprego, por isso é que fiz uma dívida longa. Tô pagando esse tal de notebook em 24 pagamentos, porque sei que é uma chance da minha neta mais tarde arrumar um emprego na cidade. Até porque ela estuda na cidade e a escola de lá também pede uns trabalhos que aqui não tem livros, mas ela pode fazer no computador... (Avó).

5. Questões estruturais

Consideram-se aqui como sendo questões estruturais o uso de softwares e sistemas operacionais presentes nos equipamentos do laboratório de informática, bem como nas residências da localidade pesquisada – Itapicuru – Irecê – BA.

Diante disso, foi perguntado aos sujeitos da pesquisa se eles tinham conhecimento do conceito de software livre e de software proprietário. Em resposta, poucos disseram ter ouvido falar em *Linux* e outros programas como sendo programa livre “de graça”, mas sabiam operar e conheciam bem era o pacote Office do Windows.

Aqui a gente usa mesmo é o Windows porque a gente aprendeu foi nele. Porém, a gente vai “fuçando” e descobrindo as coisas. O bom da internet é isso. A gente aprende sem professor, porque a própria internet e os programas ajudam encontrar a solução dos problemas”. (JôtaPegue)

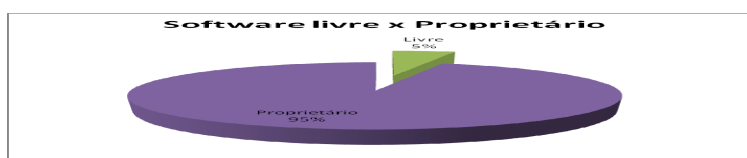


Gráfico 5: a guerra dos softwares

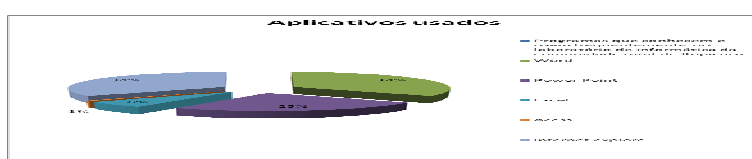


Gráfico 6: usos de aplicativos

Como não poderia ser diferente, todos os aplicativos usados pelos sujeitos da pesquisa estão relacionados à suite *Office da Microsoft*. Isso sem dúvida reforça a presença massiva dos softwares proprietários no cotidiano dos laboratórios de informática, *lan houses* e residências dos usuários de computador, independentemente de se está nos centros urbanos ou na zona rural do país.

Outro ponto evidenciado foi a ideia de que os softwares livres são de difícil uso por parte dos sujeitos pesquisados. *Nois até tentamu mais não deu, é preciso aprender quase tudo de novo. Então deixamu pra lá e vamu usando o windows mesmo, pra nós é de graça mermu.* (Emogirl)

Sabe-se que ao longo de décadas há o predomínio da publicidade acerca das facilidades em se operar o pacote Windows. Assim, é plausível que os entrevistados tendo nascidos na “geração Windows” tenham afinidades com a ferramenta, posto que o uso de softwares livres ainda é feito da mesma maneira que o software proprietário, uma vez que a maioria dos usuários não tem o domínio do código fonte dos programas livres para fazerem as alterações que lhes auxiliariam no uso cotidiano da ferramenta.

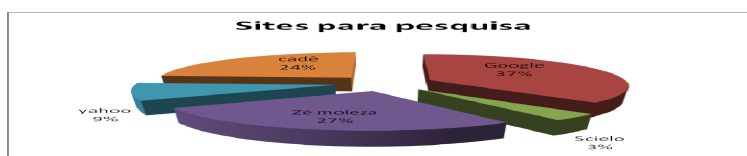


Gráfico 7: ferramentas de pesquisa

Conforme exposto no gráfico acima, não resta dúvida de que o *Google* continua sendo a ferramenta de busca mais usada. *Usamos o google porque tem de tudo e a não precisamos ir além das 3 primeiras páginas, porque já aparece tudo.* Entrevistados de maneira unânime afirmaram.

A surpresa foi o alto índice de acesso ao site *Zé Moleza*. Tal atividade ocorre porque todos os sujeitos da pesquisa são estudantes e, segundo eles, o que não tem no *Google* eles acham no referido site.

A gente acessa o Zé moleza porque tem os trabalhos que a escola pede. Daí não a gente só se cadastra lá... depois baixa os textos. tem uns que já estão prontos a gente imprimir e entrega na escola. A gente tira 10 nos trabalhos que baixamos dela. (Emotiv@2009)

Nesta perspectiva, há uma complexidade na ação da pesquisa. De um lado um estudante que tendo habilidades em usar o computador e a internet, navega de modo a

encontrar produções já realizadas e “prontas” a serem entregues na escola. Por outro, esta o professor que, talvez por descuido ou até mesmo por desconhecimento do processo de aprendizagem de seus alunos aceitam tais produções com sendo de autoria deles, reafirmando dessa forma a “miséria intelectual do control C, control V.” O que só empobrece as relações da informação, aprendizagem e construção do conhecimento possibilitados pelas tecnologias digitais e de comunicação.

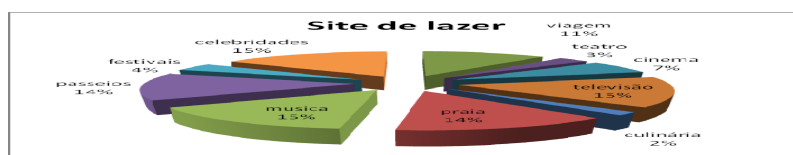


Gráfico 8: a busca por lazer na rede.

Inconclusões

Viu-se durante as visitas *in locus* que a comunidade encontra-se com acesso à cibercultura, todavia o espaço público é incipiente, visto que há uma demanda muito grande quando se faz a relação com o número de usuários e a quantidade de equipamentos disponíveis no laboratório de informática.

No que se refere ao acesso privado, isto é, domicílios que tem computador o número é inexpressivo, visto que esse fator está relacionado à economia da comunidade. Trata-se de uma comunidade em que a renda é proveniente da agricultura de subsistência, bem como das aposentadorias dos idosos e dos programas do governo federal – bolsa família, escola, etc.

Percebeu-se ainda que os jovens demonstraram estar alheios a essas questões, posto que a maioria dos que frequentam o laboratório de informática tem aparelhos celulares equipados com câmera, rádio, mp3, etc., vindo a afirmar que esses equipamentos os auxiliam na construção e divulgação de suas identidades. Isso ocorre porque conseguem postar fotos suas e de sua comunidade em seus álbuns digitais na internet, dando-lhes sensação de alteridade.

Por fim, evidenciou-se por meio das informações e dados sistematizados nos gráficos apresentado no corpo deste trabalho, que para haver de fato a inclusão à cibercultura é fundamental a implantação e ampliação de políticas públicas que assegurem espaços públicos abertos aos finais de semana, para que os jovens dessa comunidade possam estar no ciberespaço independentemente de esta ação estar relacionada com a obrigação de se estar na escola.

Por outro lado, é imprescindível que se ofereça à comunidade, oportunidades para aquisição de equipamentos de informática através de política pública de financiamento com longos períodos de carência.

Os cidadãos dessa comunidade estão saindo do isolamento digital por meio de ações indiretas, isto é, adolescentes e jovens participam da cibercultura e, conseqüentemente, socializam com os demais membros da comunidade os saberes adquiridos. Assim, criar oportunidades de melhoria na qualidade de suas relações com o mundo da vida. Além disso, poderão criar estrutura de comunicação que facilitem seu diálogo com o poder público local, além de ampliar seus espaços de negociação de sentido entre as culturas local, regional e mundial, visto que a internet possibilita o rompimento das fronteiras, tornando cada um que frequenta o ciberespaço cidadão do mundo a partir de sua localidade.

Referências consultadas.

ARENDETT, Hannah. *A condição humana*. São Paulo: Forense editora, 2006

ARISTÓTELES, *A política*, São Paulo: Paz e Terra, 2004

BAUMAN, Z. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

BONETTI, Lindomar. *Políticas públicas por dentro*. Ijuí, Editora da Unijuí, 2006

CASTELLS, M. *Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

LAMANACO, Beatriz Penteadó. Escola rural: entre a internet e os sacis. In. *Relações e saberes na escola: os sentidos do aprender e do ensinar*. DIEB, Messias (org.) Belo Horizonte: autêntica, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*, São Paulo: Globo, 2008.

ⁱ Mestre em Educação e Contemporaneidade, Doutorando em Educação PPGE/FACED/UFBA; Professor Assistente do Colegiado de Letras Espanhol – UNEB – Campus V Santo Antonio de Jesus – BA. jpgbarreto@gmail.com